

RÉPLICA

Cecília Azevedo

Em seus comentários, Kátia Baggio me pareceu extremamente feliz ao alertar para o risco de se recair em simplificações e, especialmente, numa perspectiva maniqueísta ao se discutir o pensamento de William James, por mim eleito para representar o que chamei de “tradição de dissenso” na história intelectual e política norte-americana.

Devo reconhecer que a própria expressão “tradição de dissenso” merece ser problematizada. “Tradição” usualmente implica um sentido de continuidade, sendo por isso noção bastante questionada; “dissenso” opõe-se a consenso, noção que dificilmente pode ser pensada como monolítica ou homogênea. Portanto, falar em “tradição de dissenso” pode sugerir, antes de tudo, um paradoxo, e sobretudo a existência de uma corrente unívoca, enraizada e facilmente perceptível numa escala de longa duração. Mesmo tendo consciência das dificuldades subjacentes a essa expressão, acabei por adotá-la neste texto de cunho ensaístico, cujo principal objetivo era justamente suscitar polêmica no campo tão minado dos estudos sobre os EUA. É preciso que se diga, aliás, que o maniqueísmo parece ser justamente a marca do nosso olhar latino-americano sobre a cultura e a história norte-americanas, cuja diferença e complexidade nem sempre conseguimos avaliar adequadamente, premidos como vivemos pelas imposições econômicas e políticas de vários governos dos EUA, cujos exemplos nos dias que correm dispensam qualquer comentário. O lamentável é que acabamos por confundir a desfaçatez das ações internacionais do governo dos EUA com a postura do *homem comum* (expressão também problemática) ou de alguns entre os intelectuais mais incensados e tomados como representantes do que se assume como cultura americana. No caso em questão, me chamou atenção o fato de nosso colega Alambert ter identificado no discurso de James a “desfaçatez despojada” que, segundo ele, “os norte-americanos adoram e usam em qualquer cerimônia”.¹ É evidente que devo também conceder que Alambert encontrava-se numa posição ainda mais desvantajosa que a minha ao tentar defender seu argumento num artigo limitado a duas laudas,

¹ Alambert, Francisco, op.cit, p. 8.

situação em que muitas vezes é tentador recorrer a efeitos de linguagem mais ousados. Acho que, como eu, o autor talvez decidisse fazer reparos à idéia que deixou escapar quanto a um suposto estilo ou espírito norte-americano universalmente disseminado no tempo e no espaço, denunciador de um caráter nacional irremediavelmente pervertido pela sede de poder.

Deixando de lado estas considerações iniciais a respeito dos elementos que emolduram esse debate, devo voltar ao seu objeto específico: as proposições de William James no contexto em que viveu. Como todo “grande personagem” da história política, intelectual ou artística que atuou em campos muito variados, James vem sendo julgado de modo bastante diferenciado, dependendo do aspecto de sua obra que se decida privilegiar. Sua contribuição para a Psicologia é extremamente mais sólida e reconhecida que suas empreitadas filosóficas, de cujas dificuldades ele próprio, em primeiro lugar, e os amigos mais próximos já se davam conta. Sua obra, portanto, mostra-se claramente desigual e marcada por suas contradições pessoais e pelas do seu próprio tempo. Mas como todo espírito inquieto, deve-se reconhecer em James o mérito de levantar inúmeros problemas, mesmo não tendo sido ele capaz de, ao longo de sua vida, dar solução adequada a muitos deles.

É possível arrolar inúmeros pontos-cegos ou mesmo incoerências em suas proposições, considerando-se temas ou textos específicos ou mesmo o conjunto de sua obra. No célebre texto “Will to Believe” certamente ficam visíveis inúmeros problemas, como, por exemplo, descartar a interferência social no que seria uma disposição mental individual e no limite inapreensível do ponto de vista racional. Volto a destacar que o ponto de partida de James foi o próprio desconforto íntimo. Seu envolvimento com questões de fundo moral e religioso fez com que, mesmo invocando a concretude da experiência, acabasse por não admitir sua tradução integral pela razão, o que foi interpretado por muitos como uma postura antiintelectualista. Na virada do século XIX para o XX, quando o cientificismo e a imagem das máquinas e das massas se impunham de forma avassaladora, dessacralizando todas as esferas da vida humana, a preocupação de James em combinar lógica e rigor analítico com sensibilidade para compreender vivências internas individuais, como o sentimento religioso, causava e causa certo espanto. James oscilava entre dois mundos: invocava os empiricistas e condenava o apelo às abstrações e ao absoluto, mas não deixava de admirar a elevação moral dos idealistas.

Por outro lado, o fato de eleger a religião como um de seus temas mais caros não deve ser visto como sintoma de conservadorismo. James não seguia uma vida religiosa tradicional. Rejeitou o calvinismo estrito de seu pai, cujo dogmatismo e sectarismo lhe causavam grande aversão, identificando-se com a perspectiva mais tolerante e humanista do arminianismo² e daquilo que passou a ser conhecido, de maneira geral, como teologia liberal.³ James advogava a conjugação de fé e utopia através de um forte traço voluntarista, característica sempre destacada como central na cultura norte-americana. No entanto, mesmo partindo da crença religiosa privatizada, James parece ter recorrido ao voluntarismo, não com o objetivo de afirmar o individualismo puro e simples, mas de associá-lo a um sentido comunitário. Como Whitman, James cultivava um forte sentimento patriótico. Defendia o incentivo à religião cívica com vistas a ultrapassar a incapacidade de pensar a cidadania dissociada da ação bélica.

No já citado “The Moral equivalent of war” percebe-se seu esforço por conciliar a condenação peremptória da guerra como expressão da força bruta com a valorização dos efeitos positivos subjacentes à mobilização militar, quais sejam, disciplina, desprendimento, bravura, virilidade, virtudes que recorrentemente aparecem associadas ao universo imaginário da fronteira. James chega a dizer textualmente que esses recursos deveriam ser aplicados não na luta entre homens, mas entre homens e natureza. Estaria então James, no fundo, mais próximo de Theodore Roosevelt do que dos transcendentalistas, que, como Thoreau, além de atacar a guerra, desprezava o patriotismo e cultuava a natureza? Penso que não. Por mais que tenha incorrido em contradições e a despeito da distância que procurava guardar em relação à vida partidária e da desconfiança que

² O arminianismo surgiu no século XVI a partir de uma divergência de seu fundador, o holandês Arminius, em relação à doutrina da predestinação calvinista. Sem negá-la, Arminius contribuiu para sua flexibilização, realçando o livre arbítrio e a responsabilidade moral do homem, admitindo inclusive a possibilidade da rejeição da graça divina.

³ O princípio básico da chamada teologia liberal consistia na percepção da criação e da redenção como aspectos entrelaçados de um processo contínuo e cumulativo em direção ao Reino de Deus. Sem trocar o eterno pelo temporal e mantendo a idéia do poder e a presença de Deus no mundo, esse pensamento produziu uma importante alteração na concepção de redenção, que, deixando de ser percebida como uma instância futura, passou a ser assumida como a realização do bem nesta vida. O cristão seria certamente um ser imperfeito num mundo imperfeito, mas poderia cooperar com a realização dos desígnios divinos. Tratei mais detalhadamente deste tópico em “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo no EUA”, Revista Tempo, vol. 6, n.11, 2001.

nutria em relação a qualquer organização social ampla, inclusive os sindicatos, o sentido político de suas reflexões é claro. Declarava-se um socialista, avesso aos sentidos de progresso e de sucesso associados unicamente ao bem-estar material, preocupado com os abusos do capitalismo e com os efeitos devastadores do imperialismo norte-americano. Considerá-lo um “espírito solar” seria claramente um exagero; descartar seu espírito crítico seria desconhecer, ingênua ou deliberadamente, a complexidade de suas idéias. Para evitar o maniqueísmo apontado por Kátia, talvez o mais indicado seja seguir o exemplo do próprio James e optar pelo caminho do meio, admitindo todas as contradições.